

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO -WOMEN'S FILM FESTIVAL
4 de Novembro de 2024

MILH HADHA AL-BAHR / 2008

"O SAL DESTE MAR"

um filme de ANNEMARIE JACIR

Realização, Argumento: Annemarie Jacir *Fotografia:* Benoît Chamaillard *Som:* *Montagem:* Michèle Hubinon *Música:* Kamran Rastegar *Direcção artística:* Françoise Joset *Interpretação:* Suheir Hammad (Soraya), Saleh Bakri (Emad), Riyad Ideis (Marwan), Dana Drigov, Edna Bliliou (agentes no aeroporto), Ishai Golan (agente masculino). Hagar Lotem (agente jovem), Renana Lotem, Sylvie Wetz, Yahya Barakat, Khaled Hourani, Ismael Dabbag, Jack Saadeh, Iman Aoun, Giras Abu Sabbah, Martin Daltry, Ihab Jadallah, Hisham Daragme, etc.

Produção: Augustus Film, Clarity Productions, JBA Production, Louverture Films, Mediapro, Philistine Films, Tarantula, Thelma Film (Palestina, França, Suíça, Bélgica, Países Baixos, Espanha, Estados Unidos, 2008) *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, versão original em árabe com falas em inglês, legendada em inglês e electronicamente em português, 109 minutos *Estreia:* Festival Internacional de Cinema de Cannes 2008 (selecção oficial) *Título internacional:* Salt of this Sea *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação em Portugal:* Junho de 2023 Batalha Centro de Cinema (Porto) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

projecção seguida de intervenções de Stefanie Baumann e Maysaloun Hamoud

"A guerra aí está." Jean-Luc Godard dizia-o há anos, há filmes. Estas exactas palavras ficaram a reverberar. E *aí, aqui* está. De amplitude alargada. Ferra o estado calamitoso do mundo em Novembro de 2024, dezasseis anos sobre a data deste filme de Annemarie Jacir, uma co-produção da Palestina, França, Suíça, Bélgica, Países Baixos, Espanha, Estados Unidos. Em *Milh Hadha al-bahr* a geografia é indiscernível do drama, a ficção indiscernível da tragédia. O *conflito Israel-Palestina*, dizia-se, disse-se, foi-se dizendo. "O fim de Israel, a Palestina e o nosso estado" titula a crónica de Alexandra Lucas Coelho de 24 de Fevereiro de 2024, referindo o inominável, o fim da utopia, "crianças na areia de Rafah a brincar de amassar pão imaginário, cozer pão imaginário, porque estão esfomeadas. Como aquele judeu que cobiçava o pão do vizinho em Auschwitz, e nos perguntou – continua a perguntar – se isto é um homem". Rafah é um dos lugares deste filme, é difícil estancar a corrente de pensamentos. Na epígrafe final, fundindo a negro, o filme lembra "a Nakba e em especial o massacre de Dawayima", isto é, acontecimentos de 1948, a catástrofe (tradução de Nakba em árabe), o dealbar da *questão*. No princípio, a violência explosiva da sequência de imagens de arquivo a preto-e-branco refere esse mesmo momento histórico da expulsão de palestinianos do porto de Jafa. A cor, as imagens seguintes da ficção filmada por Annemarie Jacir começam por mostrar o azul do mar.

"*O Sal deste Mar*" é a longa-metragem de estreia da cineasta palestiniana, a primeira de uma cineasta palestiniana: nascida em Belém, em 1974, Annemarie Jacir tem uma filmografia expressiva, de mais de vinte títulos por si escritos, produzidos e realizados desde inícios da década de 2000, na qual pontua a primeira curta-metragem árabe selecionada oficialmente em Cannes (*Like Twenty Impossible*, 2003, filme de fim dos estudos na universidade da Columbia), importantes filmes documentais, três longas-metragens de ficção – "*O Sal deste Mar*", *Lamma shoftak (When I Saw You*, 2012) e *Wajib* (2017). Também poeta e

pedagoga, Jacir tem-se empenhado, no cinema, em projectos de formação, programação e exibição, em especial de novos autores árabes, inscrevendo-se numa tradição palestina e dando protagonismo a personagens de resistentes na Palestina ocupada. A sua biografia comporta a adolescência passada na Arábia Saudita e a experiência universitária nos EUA, onde concluiu estudos de literatura, política e cinema, e onde começou a trabalhar em teatro (entre uma série de outros ofícios e empregos) antes de se iniciar no cinema como assistente. Foi depois disso que regressou à Palestina, onde filmou “*O Sal deste Mar*” cuja produção, uma vez acabada, lhe ditou a proibição de voltar à Palestina nos anos subsequentes.

A ideia de *casa* é uma das traves-mestras de “*O Sal deste Mar*”, em que o papel feminino principal é interpretado pela poeta e activista Shueir Hammad, filha de palestinianos refugiados nos EUA: também jovem palestino-americana nascida em Brooklyn, Soraya regressa à Palestina com um visto de duas semanas, disposta a confrontar o passado, fixar-se, recuperar as poupanças que o avô, que se exilou com a família em 1948, deixou congeladas num banco em Jafa. É então que conhece Emad, empregado num restaurante local, a quem move o desejo de partir para sempre da cidade em que vive fechado há dezassete anos. Num passeio com Emad e outro amigo, Marwan, faz o reconhecimento da cidade através das memórias familiares alheias, de lugares como o café Al Madfa, a biblioteca, o cinema Hamra, cheiros e sabores, como os das laranjas de Jafa, ou hábitos como nadar no mar mediterrânico. Há praia, mar, mergulhos e braçadas nas cenas de uma juvenil ida à praia (sobrevoadas por helicópteros). Numa sequência mais tardia, visitando a casa que foi outrora da sua família e nesse momento é morada de uma estimável israelita, Soraya verbaliza o sentimento de pertença e de casa. Aliás, é uma *casa* – “lar doce lar” – que depois procura “construir” com Emad nas ruínas de Al-Dawayama, a aldeia massacrada em 1948.

O filme também se passa na estrada, com as personagens a bordo de uma carrinha de três lugares, caixa aberta, numa travessia de paisagem e estados de alma (e vêm à ideia planos iranianos de Abbas Kiarostami, Jafar e Panah Panahi), além de fronteiras, muros, postos fronteiriços, a presença literal ou latente da polícia e do exército (e voltam a vir à ideia planos iranianos). No enredo há fuga, romance, desejo de liberdade, violência, umas tréguas, uma falta de tréguas. No princípio há um toque de comédia, ou melhor, uma cena que permite a ligeireza – a brevíssima sequência do polícia sinaleiro que dança como num musical, na chegada de Soraya à sua terra. A narrativa dramática comanda o filme – da chegada à partida no aeroporto, o caminho de “*O Sal deste Mar*” é progressivamente denso e escuro, uma treva na luz aberta do território e de pessoas que o habitam sem perderem a vitalidade entre escombros, a violência da guerra, da Ocupação, do apagamento, do exílio, da repressão monstruosa que sobre elas é exercida. No rasto de Cannes 2008, o filme foi elogiado, também pela coragem da realizadora. A investigadora e programadora Rasha Salti escreveu um texto em que concluía, “Annemarie Jacir reclamou o nosso direito a imaginar, sem temor e em liberdade”. É uma forma de liberdade.

Maria João Madeira